

## Panorama do Evangelho de Mateus: aspectos históricos e teológicos

Overview of the Gospel of Matthew: historical and theological aspects

*Ailto Martins<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este artigo apresenta o panorama do evangelho de Mateus, em relação aos aspectos históricos e teológicos deste documento. Entre os quatro evangelhos que compõem o Novo Testamento, o evangelho de Mateus expressa a melhor conexão entre as escrituras veterotestamentária e neotestamentária. Por isso, o evangelho serve como ponte cronológica entre o fim do Antigo Testamento e o início do Novo Testamento. Diante disso, o escrito de Mateus foi muito importante para os primeiros seguidores de Cristo, para o entendimento do fim da antiga aliança e a chegada da nova aliança, com o cumprimento da lei, por meio de Jesus, o Messias prometido. O objetivo da pesquisa se constitui em analisar os aspectos históricos e teológicos do evangelho de Mateus. Para isso, primeiramente se analisa de forma sintética o Novo Testamento, como base para o segundo momento da pesquisa, a análise dos aspectos históricos e teológicos do evangelho de Mateus. Já, a questão metodológica examina comentários de teóricos especialistas em relação à temática, por meio de uma revisão bibliográfica. Finalmente, os resultados esperados pelo artigo perpassam os princípios teológicos do evangelho de Mateus, para a igreja nos dias atuais, especificamente a justiça de Deus.

**Palavras-Chave:** Mateus, Evangelho, justiça, Novo Testamento e panorama.

---

Artigo recebido em: 14 de mar. de 2022

Aprovado em: 18 de jan. 2023

<sup>1</sup> Doutor em Teologia – (PUC/PR). Professor da Faculdade Refidim. Coordenador de Extensão. Email: [ailto@ceeduc.edu.br](mailto:ailto@ceeduc.edu.br)

**Abstract:** This article presents an overview of the Gospel of Matthew, at the expense of the historical and theological aspects of this document. Among the four gospels that make up the New Testament, the gospel of Matthew expresses the best connection between the Old Testament and New Testament scriptures. Therefore, the gospel serves as a chronological bridge between the end of the Old Testament and the beginning of the New Testament. Thus, the writing of Matthew was very important for the first followers of Christ, for the understanding of the end of the old covenant and the arrival of the new covenant, with the fulfillment of the law, through Jesus, the promised Messiah. The objective of the research is to analyze the historical and theological aspects of the Gospel of Matthew. For this, first, the New Testament is analyzed in a synthetic way, as a basis for the second stage of the research, the analysis of the historical and theological aspects of Matthew's gospel. The methodological issue, on the other hand, examines comments by specialist theorists in relation to the theme, through a literature review. Finally, the results expected by the article permeate the theological principles of Matthew's gospel for the church today, specifically the righteousness of God.

**Keywords:** Matthew, Gospel, Justice, New Testament and overview.

### Introdução

O livro de Mateus é o evangelho da justiça (3:15, 5:6 etc.). Jesus nasceu no ambiente de um homem justo (1:19) e suas primeiras palavras neste livro são: “Deixe como está, pois convém que cumpramos toda a justiça” (3:15) — e Jesus se inclui nisso, tanto que é o primeiro a cumpri-la. Ele segue dizendo que são felizes os que têm “fome e sede de justiça” (5:6), que a busca fundamental em Mateus deve ser “o Reino dos céus e sua justiça” (6:33) e que o julgamento de Deus será pela justiça e misericórdia praticadas (25:31-46). Além disso, o tema recompensa aparece muitas vezes, bem como é dito que cumprir a justiça é praticar a caridade e o amor, diferentemente de cumprir a lei (20:1-16).

O Novo Testamento é o documento mais importante da religião cristã, pois significa o pacto, ou contrato, de Jesus Cristo com a sua igreja. É a bússola que deve nortear todas as promessas, os mandamentos, os princípios e os valores da fé cristã. Por isso a importância do estudo do Novo Testamento, para conhecer sua origem, conteúdo e significado. Diante disso, a pesquisa faz uma introdução panorâmica deste documento, apresentando uma síntese de seu cânon por meio de um exame do critério canônico e sua formação, do início à conclusão. Assim, conforme o objetivo deste trabalho, também é introduzido um comentário introdutório do evangelho de Mateus, analisando suas particularidades, redação, estilo, ênfases teológicas e contexto histórico — autoria, destinatários, lugar e data de composição.

A primeira parte do artigo compõe uma exposição ao evangelho de Mateus, com uma aproximação ao Novo Testamento, por meio da análise histórica e teológica sintetizando a origem dos escritos neotestamentários, a compilação, as tradições e o cânon da escritura Neotestamentária. Já a segunda parte do artigo, são analisados as formas literárias e os métodos de interpretação desse documento, com os gêneros literários e a crítica relacionada aos manuscritos antigos dos textos bíblicos, bem como o conteúdo cristológico do Novo Testamento. Na última parte do artigo se analisa o livro de Mateus a redação e o estilo desta narrativa e examina-se as questões teológicas e o contexto histórico (autoria, destinatário, lugar e data de composição) deste evangelho.

## **2 - Exposição ao Evangelho de Mateus, aproximação ao Novo Testamento**

A história do Novo Testamento perpassa a origem dos escritos, a compilação e a tradição textual, sinalizando a existência do cânon do Novo Testamento<sup>2</sup>. A igreja do século II ao século IV reuniu estes documentos para servir de regra ao ensino e à pregação, bem como à leitura na liturgia do culto.<sup>3</sup> Bittencourt destaca o critério canônico da igreja, que surge frente à necessidade de autenticidade dos escritos e de fazer face à polêmica com o herege e o incrédulo.<sup>4</sup> Além disso, a legitimidade destes textos é que iria compor os primeiros escritos. Diante das necessidades missionárias e apologéticas do testemunho, o mesmo autor apresenta alguns critérios de seleção,

---

<sup>2</sup> Cânon do Novo Testamento: a palavra *κανων* (no hebraico *qaneh*) significava, primitivamente, vara ou régua, especialmente usada para manter algo em linha reta, à semelhança da linha ou régua de pedreiros e carpinteiros. Os gregos clássicos usavam no sentido figurado de regra, norma e padrão. Paulo usa a palavra em Gálatas 6:14, no sentido de regra moral ou lei moral, e em 2 Coríntios 10:13,15,16, no sentido de esfera de ação demarcada por Deus. Estes são os únicos lugares em que o termo é encontrado no Novo Testamento. Nos autores patrísticos, como em Clemente de Roma, “cânon de obediência” é a situação em que as mulheres se encontravam. Ele ainda fala do “cânon de seu serviço” (ad Co 1:3; 41:1). Clemente de Alexandria denomina “cânon eclesiástico” a harmonia entre o Antigo e o Novo Testamento. A palavra, à medida que o tempo corre, vai tomando sentido mais concreto de cânon eclesiástico ou cânon da igreja, que eram regras de doutrina e prática. Cânon, finalmente, é o corpo de escritos havidos por únicos possuídos de autoridade normativa para a fé cristã, em contraste com escritos que não o são, ainda que contemporâneos (BITTENCOURT, B. P. O Novo Testamento, p. 23, 24).

<sup>3</sup> KÜMMEL, W. G. Introdução ao Novo Testamento, p. 22.

<sup>4</sup> BITTENCOURT, B. P. O Novo Testamento, p. 24.

como: a apostolicidade, na qual o escrito deveria proceder da pena de um apóstolo ou alguém próximo e comissionado por ele; a circulação e o uso do livro, pois quando havia dificuldade de demonstrar a autenticidade apostólica, por diversos motivos, o critério do uso de circulação colaborava com a aferição canônica pela própria comunidade cristã universal que o usava; o caráter concreto do livro, em que os escritos de ficção eram inaceitáveis; a ortodoxia, item nas escalas dos padrões e aferimento das doutrinas, repúdio ao falso ensino, como o cânon de Marcião<sup>5</sup>, e à luta pela preservação da ortodoxia; a autoridade diferenciadora, quando os livros do Novo Testamento estavam sendo colocados com a mesma autoridade divina com os do Antigo Testamento; e a leitura em público, em que somente os livros autorizados e reconhecidos pela igreja seriam admitidos para a leitura pública.<sup>6</sup>

Em relação à formação dos escritos neotestamentários, especificamente os documentos literários (o evangelho de Jesus Cristo), a transmissão se deu inicialmente de forma oral. Todos os contextos da Bíblia foram marcados por tradições essencialmente orais, das quais destacam-se alguns fatores que contribuíram e gestaram essa realidade, como as taxas de alfabetização, que oscilavam entre 10% e 20% no contexto do Novo Testamento. O processo de produção de textos era muito caro e, pelo que consta da antiguidade, nenhum documento era produzido com o objetivo de uma leitura silenciosa, concebida a pessoas em particular. Os textos eram produzidos para serem lidos em voz alta para um grupo de pessoas, com foco em sua potencialidade auditiva e oral.<sup>7</sup> Este aspecto evidencia que uma cultura oral difere de uma sociedade alfabetizada e textual, já que os escritos de uma comunidade têm funcionamentos diferentes em cada religião — todos os tipos de textos operavam com o objetivo principal de substituir o discurso oral, tendo aplicação na maioria das escrituras. Portanto, podem-se destacar dois fatores importantes a respeito dos textos bíblicos, dado o fato de somente os formalmente instruídos serem alfabetizados e fazerem parte da quase totalidade da elite da época. Primeiro, os

---

<sup>5</sup> Cânon de Marcião: no século II, fundou uma contra-igreja, com um dogmatismo rígido. Baseado em uma interpretação crua de Paulo, Marcião rejeitou o Antigo Testamento. Considerava-o não como a revelação do Deus cristão de amor, mas de outro Deus, um Deus judaico inexoravelmente “justo”. Assim, Marcião fez sua seleção rigorosa das escrituras cristãs aceitáveis. A batalha contra essa heresia de Marcião, com seu dualismo e negação da criação, exerceu um papel importante na formação do cânon da igreja (BORNKAMM, G. Bíblia do Novo Testamento, p. 13).

<sup>6</sup> BITTENCOURT, B. P. O Novo Testamento, p. 24-26.

<sup>7</sup> WITHERINGTON III, B. Por trás da Palavra, p. 18.

textos criados neste ambiente visavam os interesses e propósitos desta classe social, considerando a profunda religiosidade dos povos antigos, sendo que os documentos mais importantes eram os textos religiosos, mesmo que procedentes da elite. E o segundo fator refere-se aos autores dos 27 livros do Novo Testamento, o que permite perceber, diante desse contexto, um ótimo nível de alfabetização e habilidade retórica deles. A religião cristã primitiva não era um movimento liderado por pessoas analfabetas, mas por líderes que tinham conhecimento de grego, de retórica e da cultura de sua época.<sup>8</sup> Os documentos literários dos escritores do Novo Testamento, produtos de suas habilidades e erudições, representam o marco da passagem da tradição oral para a tradição escrita. Na segunda classificação, pela autoria, os livros são agrupados por autores (Paulo, Pedro, João, entre outros). E, na terceira categorização, são divididos de acordo com o período a que se referem: o primeiro, fundação (de 6 a. C. a 30 d. C.); o segundo, expansão (de 30 d. C. a 60 d. C.); e o terceiro, consolidação (de 60 d. C. a 100 d. C.).<sup>9</sup> Brown não segue a classificação sistemática de Tenney, mas destaca as formas literárias do Novo Testamento em: cartas ou epístolas; evangelhos; Atos dos Apóstolos (história); Apocalipse (revelação); e outros gêneros literários.<sup>10</sup>

As formas de proclamação na cristandade primitiva, em um contexto mais amplo, chamam a atenção para a acolhida da tradição. As tradições textuais mostram que os primeiros cristãos já possuíam um texto sagrado, o Antigo Testamento. Jesus e seus seguidores buscaram da tradição veterotestamentária elementos para a exposição de seus ensinamentos. No tocante a esse ponto, os escritores do Novo Testamento registraram em seus textos uma mensagem com propósitos cristológicos, em particular designando Jesus, o Cristo (Messias), como sendo aquele que cumpriu toda a lei, além dos profetas e das profecias do Antigo Testamento. Havia alguns termos-chave que sinalizavam a aplicação de determinados textos a Jesus.<sup>11</sup> Certas afirmações de conteúdo cristológico retornam em diversas partes do Novo Testamento e expressam em fórmulas a conexão com o Antigo Testamento. Também a prédica do Cristo crucificado e ressurreto determinou o estilo das cartas cristãs primitivas e estava alinhada com as formas judaicas de interpretação da sinagoga helenista e do estilo diatribé cínico-estoica, nos quais exibiam a instrução ética.<sup>12</sup> Em 1 Coríntios 15:3, texto

---

<sup>8</sup> WITHERINGTON III, B. Por trás da Palavra, p. 19-20.

<sup>9</sup> WITHERINGTON III, B. Por trás da Palavra, p. 24-26.

<sup>10</sup> BROWN, R. E. Introdução ao Novo Testamento, p. 58-62.

<sup>11</sup> WITHERINGTON III, B. História e histórias do Novo Testamento, p. 26.

<sup>12</sup> LOHSE, E. Introdução ao Novo Testamento, p. 23.

aproximadamente dos anos 50 a 60 d. C., Paulo adverte seus leitores sobre algumas tradições que ele recebera e que havia transmitido à igreja de Corinto, usando uma linguagem judaica sobre a transmissão de tradições sagradas. Isso significa que Paulo não era o criador do evangelho que anunciava, pelo contrário, ele estava passando adiante o que havia recebido da tradição.<sup>13</sup> Assim, podem-se perceber as tradições textuais do Antigo Testamento hebraico e grego que eram usadas no século I. Nesse sentido, as citações de Mateus e Marcos da tradição veterotestamentária são consistentemente da tradução septuaginta, porém, aquelas encontradas somente em Mateus são tiradas de várias versões e tradições textuais.<sup>14</sup> Mateus descreve duas passagens em contextos distintos, ou duas versões para o mesmo evento, provenientes de tradições diferentes e fundidas para formar uma única unidade.<sup>15</sup>

As formas literárias do Novo Testamento surgiram em virtude da consciência dos primeiros cristãos de preservarem a história de Jesus, porém, as primeiras comunidades cristãs eram influenciadas pela escatologia. Para elas, os “últimos tempos” eram iminentes e o advento de Jesus logo aconteceria, um contexto que desencorajava escrever para as gerações futuras.<sup>16</sup> Diante desse paradoxo, as necessidades surgidas no decorrer da história das comunidades cristãs primitivas, principalmente as heresias e as apologias, superaram a omissão referente à composição escrita do Novo Testamento. Tenney informa que o conteúdo dos 27 livros do Novo Testamento pode ser classificado de três formas: pelo caráter literário, pelo autor ou pelo período. Ele continua a explicação indicando que pelo caráter literário a divisão ocorre da seguinte forma: os cinco primeiros livros do Novo Testamento (os quatro evangelhos e Atos) são de caráter histórico, porque narram uma história; já os livros que vêm na sequência são de caráter doutrinal (as cartas de Paulo, Hebreus, 1 e 2 Pedro, 1 João e Judas), escritos às igrejas na forma de cartas para instruí-las acerca da fé cristã; depois, há os escritos de caráter pessoal (1 e 2 Timóteo, Tito, Filemon, 2 e 3 João) que, num primeiro momento, foram escritos como cartas pessoais, mas, como os destinatários faziam parte da liderança das igrejas, os escritos ganharam grande importância, passando de cartas particulares a documentos públicos; e, então, o último livro, Apocalipse, é de caráter profético, classificado como literatura apocalíptica.<sup>17</sup>

---

<sup>13</sup> WITHERINGTON III, B. História e histórias do Novo Testamento, p. 28.

<sup>14</sup> CARSON, D. A. O comentário de Mateus, p. 32.

<sup>15</sup> SCHMID, J. El Evangelio según San Mateo, p. 32.

<sup>16</sup> BROWN, R. E. Introdução ao Novo Testamento, p. 58.

<sup>17</sup> TENNEY, M. C. O Novo Testamento, p. 22-23.

O Novo Testamento, em sua formação histórica, deveria começar com uma proclamação acerca de Jesus. A prédica de Cristo crucificado e ressurreto na comunidade cristã primitiva era uma confissão de fé em Jesus Cristo como o *Kyrios* (Senhor), como dito antes. A fé se refere ao evento cristológico, que significa que Deus (o Pai) agiu de uma vez por todas em benefício de toda a comunidade, ressuscitando Jesus dentre os mortos. Essa fórmula de fé é introduzida pelo querigma<sup>18</sup> cristão primitivo, acolhida por essa confissão e resumida por Paulo no evangelho tradicionalizado.<sup>19</sup> Kümmel discute essa questão apresentando a problemática do Jesus histórico, enfatizando que até o século XIX não havia qualquer dúvida a respeito da pessoa e da mensagem de Jesus — e que este acontecimento veio possibilitar toda a teologia do Novo Testamento. Por isso a pregação de Jesus foi colocada no início, utilizando como fontes os quatro evangelhos sinóticos. Porém, essas pressuposições para a pesquisa da teologia do Novo Testamento foram questionadas e se tornaram duvidosas.<sup>20</sup> Segundo o autor, a pessoa de Jesus dos três primeiros evangelhos é descrita de uma maneira diferente da do quarto evangelho. Esse reconhecimento também traz a percepção de que havia diferenças significativas entre Mateus, Marcos e Lucas. Assim, surgiu a necessidade de se abandonar a utilização de todos os quatro evangelhos como fonte para a exposição do Jesus histórico e tomar somente os três evangelhos sinóticos como fundamentais, colocando o quarto evangelho como complementar.<sup>21</sup> Diante dos evangelhos, a hipótese baseada na prioridade de Marcos na questão sinótica não resolve todas as dificuldades do problema sinótico.<sup>22</sup> Kümmel contesta a confiança na probidade histórica do evangelho de Marcos e cita a remoção da certeza histórica e as objeções de caráter teológico contra a legitimidade da pergunta pelo Jesus histórico. Logo, sugere que o pesquisador que pergunta pela pessoa e pela proclamação de Jesus deve se colocar diante da tarefa de procurar, dentro de todo o contexto da tradição, por aquela parte que ofereça a possibilidade de ser demonstrada como sendo a mais antiga. Há ainda os auxílios metodológicos para a concretização desta tarefa.<sup>23</sup>

Passando para a próxima análise do evangelho de Mateus, é necessário voltar às origens deste documento, aos rascunhos iniciais

---

<sup>18</sup> Querigma: proclamação.

<sup>19</sup> LOHSE, E. Introdução ao Novo Testamento, p. 25.

<sup>20</sup> KÜMMEL, W. G. Síntese Teológica do Novo Testamento, 1979, p. 21.

<sup>21</sup> KÜMMEL, W. G. Síntese Teológica do Novo Testamento, 1979, p. 22-23.

<sup>22</sup> BROWN, R. E. Introdução ao Novo Testamento, p. 190.

<sup>23</sup> KÜMMEL, W. G. Síntese Teológica do Novo Testamento, 1979, p. 24-26

de quando a obra foi escrita.<sup>24</sup> Para isso, surgem os seguintes questionamentos: quem o escreveu? Quem o recebeu? Quais eram as razões ou intenções da mensagem que o autor queria comunicar? Quando e onde ele foi escrito? As respostas a estas perguntas são questões-chave para a compreensão desta narrativa teológica tão bem construída e servirão como guia para o entendimento de cada perícopo do evangelho de Mateus.

### **3 - Redação e estilo do Evangelho de Mateus**

Para o estudo da redação e do estilo de Mateus, é importante fazer uma investigação das semelhanças e diferenças dele em relação aos outros dois evangelhos sinóticos, Marcos e Lucas. Então, tendo como base a questão sinótica, cabe perguntar: que relação há entre Mateus, Marcos e Lucas? Há uma dependência mútua? Qual dos evangelhos foi o primeiro a ser escrito?<sup>25</sup> Os sinóticos se agrupam em uma mesma classificação porque narram o mesmo enfoque geral da vida de Jesus, referente a toda atividade de anúncio do reino na Galileia e seu sofrimento (paixão), morte e ressurreição em Jerusalém. O conteúdo e a disposição do material dos sinóticos estão intimamente relacionados, ou seja, o decurso da atividade de Jesus é apresentado de maneira semelhante.<sup>26</sup> Contudo, também há diferenças, especialmente em Lucas. O chamado dos primeiros discípulos neste evangelho, por exemplo, só vem depois de um projeto e uma série de atividades de Jesus, já o caminho a Jerusalém ocupa, em Marcos, o capítulo um. Lucas também fala da infância, ausente em Marcos, de modo diferente de Mateus. A maioria dos comentaristas defende a prioridade de Marcos por meio da teoria das duas fontes<sup>27</sup>, visto que Mateus e Lucas se utilizaram do material deste livro na composição dos seus evangelhos. Assim, de acordo com Daniel Carro e Rubén Zorzoll, conclui-se que Marcos foi o primeiro evangelho a ser escrito, pois serviu de base para os outros

---

<sup>24</sup> Hagiógrafo é o escritor do sagrado (possuído por inspiração e revelação divinas).

<sup>25</sup> CARRO, D. POE, J. T. ZORZOLI, R. O. (ORGs). *Comentario Bíblico Mundo Hispano*, p. 19.

<sup>26</sup> KÜMMEL, W. G. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 41.

<sup>27</sup> Teoria das duas fontes: segundo esta teoria Mc é o evangelho mais antigo, ele forma a base dos outros dois evangelhos. Além de usarem Mc, tanto Mt como Lc fizeram uso independente de uma segunda fonte, isso se pode ver pelo muitos ditos e grupos de ditos, não encontrados em Mc, que eles têm em comum. Essa segunda fonte é designada pelos peritos como fonte “fonte de ditos” ou “Q” (de *Quelle*, palavra alemã para “fonte”). BORNKAMM, G. *Bíblia do Novo Testamento*, p. 34-37.



sinóticos.<sup>28</sup> Ainda segundo este autor, Mateus aparece como o primeiro livro do Novo Testamento devido a algumas apreciações. A ordem dos livros do Novo Testamento não é cronológica. Mateus apresenta, no início, uma longa genealogia, como uma história da salvação, um resumo do Antigo Testamento, e, com isso, faz melhor elo entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento. Portanto, o evangelho de Mateus serve perfeitamente como ponte cronológica entre o fim do Antigo Testamento e o início do Novo Testamento, sinalizando o término do antigo pacto e o começo do novo pacto de Deus com a humanidade por meio de Jesus Cristo. Mateus, inclusive, era o evangelho preferido entre os escritores cristãos do primeiro e segundo séculos.<sup>29</sup>

Diante da questão sinótica<sup>30</sup>, Mateus e Lucas apresentam um material mais rico do que Marcos. Entretanto, os três evangelhos concordam na exposição da atividade de Jesus, pois as narrativas ocorrem em linguagem popular, de acordo com a impressão que causavam as palavras e as ações de Jesus nas pessoas.<sup>31</sup> Brown sublinha alguns pontos que devem ser destacados ao trabalhar Marcos com prioridade, como a memória da tradição oral sobre Jesus, que não terminou mesmo depois deste livro ser redigido, e a crítica redacional, que enfatiza que tanto Mateus quanto Lucas se apropriaram dos escritos deste evangelho, visto que a teologia deles tem como base as alterações que fizeram na narrativa de Marcos. Há ainda a adição que Mateus e Lucas fizeram, tomada de Marcos, que provinha de material especial, típico a ambos evangelistas.<sup>32</sup> Kümmel apresenta caminhos de solução sinótica partindo dos resultados já garantidos pela tradição e pela pesquisa. Ele enfatiza a importância da comparação dos três sinóticos, a qual considera decisiva devido às enormes semelhanças, concordâncias, divergências e adições. Também reitera a influência da tradição oral entre os três evangelhos sinóticos, que pode ser um caminho de solução para a compreensão de como os evangelistas adaptaram seus

---

<sup>28</sup> CARRO, D. POE, J. T. ZORZOLI, R. O. (ORGs). *Comentario Bíblico Mundo Hispano*, p. 19.

<sup>29</sup> CARRO, D. POE, J. T. ZORZOLI, R. O. (ORGs). *Comentario Bíblico Mundo Hispano*, p. 19.

<sup>30</sup> Questão sinótica: consiste na questão a respeito da relação literária dos três primeiros evangelhos entre si: como explicar a notável e complexa teia de concordâncias e discordâncias entre Mateus, Marcos e Lucas? A questão é tanto mais premente quanto se sabe que João nada absolutamente tem a ver com ela (KÜMMEL, W. G. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 41).

<sup>31</sup> KÜMMEL, W. G. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 54.

<sup>32</sup> BROWN, R. E. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 192-193.

escritos a ela, conforme as suas concepções teológicas e as necessidades das comunidades cristãs primitivas.<sup>33</sup>

O evangelho de Mateus segue o estilo e a redação do evangelista Marcos de narrar a vida e a atividade de Jesus, uma vez que é posterior ao evangelho marcano. Contudo, o esquema fundamental de Mateus recolhe praticamente todo o material narrativo de Marcos e insere nele grande quantidade de material novo.<sup>34</sup> O escritor de Mateus altera e aprimora o estilo de Marcos, eliminando e suprimindo as características concretas e desnecessárias do evangelho marcano. Mateus tem um extremo respeito à mensagem de Jesus, chegando à veneração nas palavras de Cristo, por sua procedência de ambiente judaico e porque acreditava em Jesus Filho de Deus.<sup>35</sup> Este fato do uso, por Mateus e Lucas, de praticamente todo o texto de Marcos mostra que o evangelho marcano contém uma tradição mais antiga do que os outros dois, uma conclusão que alterou o curso da pesquisa, pois Marcos passa a assumir a prioridade.<sup>36</sup> Mateus corrige também certas relativizações da lei realizadas pelo evangelho de Marcos, como, por exemplo, a correção restritiva realizada na conclusão em que a comunidade de Marcos retira do dito de Jesus: “Não existe nada fora da pessoa que, ao entrar nela pode torná-la impura”. Essa expressão aparece duas vezes em Marcos (7:15,18) e sua comunidade entende que, com essas palavras, Jesus “declarou puros todos os alimentos” (Mc 7:19), anulando ou relativizando grande parte das leis do puro *versus* impuro, do livro de Levítico. Isso é inaceitável para a comunidade de Mateus, para quem Jesus não veio abolir a lei, mas levá-la a pleno cumprimento, da qual nem uma vírgula será omitida sem que tudo seja realizado — e quem violar qualquer um dos mandamentos será “o menor no reino dos céus” (Mt 5:17-19). Por isso, a partir da fala de Jesus quanto às comidas que tornam a pessoa impura, a comunidade de Mateus aceita somente a relativização do costume de “lavar as mãos” antes de comer (Mt 15:20), que vem da “Torá oral” ensinada por alguns sacerdotes e fariseus que, inclusive, especificavam que as mãos deviam ser lavadas “até os cotovelos”. Porém, são mantidas todas as leis escritas sobre os alimentos que, se comidos, deixavam as pessoas impuras.

O Novo Testamento foi escrito no grego *koinê*<sup>37</sup>. Dessa forma, para a reconstrução e o entendimento do pensamento cristão

---

<sup>33</sup> KÜMMEL, W. G. Introdução ao Novo Testamento, p. 55.

<sup>34</sup> MATEOS, J. ; CAMACHO, F. O Evangelho de Mateus, p. 7.

<sup>35</sup> DANIELI, G. Mateus, p. 20-22.

<sup>36</sup> LEONEL, J. Mateus, p. 17-18.

<sup>37</sup> Grego *koinê* era a língua do povo que não teve escola e que não possuía dotes literários. Não havia língua padrão, no sentido de que, por exemplo, a

primitivo, torna-se fundamental o estudo deste idioma, principalmente durante o primeiro século, com o objetivo de conhecer o significado e o uso dos termos gregos pelos cristãos primitivos.<sup>38</sup> O grego de Mateus é muito polido e, ao mesmo tempo, popular, com frequentes giros semíticos.<sup>39</sup> Nesse sentido, Mateus situa-se entre o grego superior de Lucas e o vulgar de Marcos, porque não há nada estranho em sua linguagem e seu estilo é menos individual, revelando mais cuidado que Marcos na utilização daquilo que os especialistas do movimento literário ou retórico chamam de barbarismos.<sup>40</sup> Por isso, dentro da sintaxe da língua, destaca-se o gênero literário. Carson explica que a interpretação de qualquer obra literária é comprometida pelo entendimento de seu gênero e chama a atenção para o fato de que os evangelhos são compostos de muitas perícopes e pertencem a gêneros reconhecidos, os quais apresentam um relato seletivo da vida, do ministério e da obra de Jesus, através de seus ensinamentos, em uma escrita apaixonada e confessional. Nesse sentido, partes dos textos são organizadas em linhas temáticas e também conforme com uma cronologia. Ainda outras perícopes são ligadas por uma determinada combinação de palavras-chave, temas, afirmações do Antigo Testamento, gênero e lógica coerente, visando apresentar um evangelho das “boas novas” de Jesus, o Messias.<sup>41</sup> Dessa maneira, a organização é magistral e impressionante pela clareza, visto o interesse didático que marca toda a narrativa dos evangelhos.<sup>42</sup>

A narrativa é o principal gênero literário de Mateus. Portanto, toda narrativa expõe a ação de colocar as verdades ou os fatos fundamentais, tratando de delimitar o conteúdo, a forma e o estilo

---

linguagem de Machado de Assis representa uma época e um tipo; outro exemplo pode ser dado em João de Barros e sua gramática. A *koinê* parece ter sido a linguagem da experiência humana, própria para a boca do homem e da mulher comuns, cuja lógica se movia em termos não de argumentos eruditos, mas metáfora colorida, e cujas mentes eram ocupadas menos com o significado da vida do que com o vivê-la. Não se pode dizer que quanto menos literária é a obra, melhor se torna a *koinê*, pois há papiros egípcios em que praticamente todas as regras de gramática são violadas, até as mais elementares, como o uso acusativo como sujeito. A *koinê* possuía três qualidades distintas: (1) a qualidade temporal de ser pós-clássica; (2) a qualidade “comum” de não ser dialética; e (3) a qualidade de ser “comum” no sentido cultural, de ser “vulgar” (BITTENCOURT, B. P. O Novo Testamento, p. 48).

<sup>38</sup> BITTENCOURT, B. P. O Novo Testamento, p. 45.

<sup>39</sup> MATEOS, J. ; CAMACHO, F. O Evangelho de Mateus, p. 8.

<sup>40</sup> BITTENCOURT, B. P. O Novo Testamento, p. 54.

<sup>41</sup> CARSON, D. A. O comentário de Mateus, p. 60.

<sup>42</sup> BORNKAMM, G. Bíblia do Novo Testamento, p. 32-35.

do narrador. Portanto, a narrativa procede ao fato, já que narrar consiste em reproduzir literariamente os fatos, fazendo sua memória e sendo corresponde à arte de eleger as principais verdades e valores que emolduram e dão sentido e significado ao fato.<sup>43</sup> Diante disso, a narrativa do evangelho de Mateus narra fatos teológicos, factuais e históricos da vida e do ministério de Jesus, como seu batismo, missão, paixão-morte, ressurreição e ascensão.

### 3.1 - Ênfases teológicas do Evangelho de Mateus

O aspecto teológico e principal de Mateus fundamenta-se em sua cristologia. O que importa para o narrador deste evangelho é demonstrar para a comunidade mateana que Jesus de Nazaré possui todos os requisitos do Messias esperado pelo povo judeu. Logo, os embates com as autoridades judaicas se devem às várias hermenêuticas da messianidade, pois Jesus não corresponde à ideia de Messias nacionalista, político, libertador do jugo romano e vingador de Israel, interpretada pela tradição judaica.<sup>44</sup> Contudo, a expectativa e a esperança judaica messiânica estão contidas em fontes importantes, como o *Tanakh*<sup>45</sup> e o próprio evangelho de Mateus, mantidas pelo povo judaico e a comunidade mateana. Os judeus esperavam um rei para libertá-los de Roma, mas Jesus era o Messias Salvador que veio para redimi-los dos seus pecados.<sup>46</sup> A cristologia do evangelho de Mateus, em virtude da messianidade de Jesus, apresenta-o com insistência como o Senhor ressuscitado, com os títulos que frisam tanto a filiação divina de Jesus quanto a paternidade de Deus.<sup>47</sup> Essa conexão com o Pai dá legitimidade para o Filho exercer o ministério messiânico, responsável pelo cumprimento da lei por meio da interpretação do verdadeiro significado do *Tanakh*. O evangelho de Mateus mostra esse itinerário hermenêutico de Jesus, anunciado pelos profetas, com a função de cumprir tudo o que estava escrito a seu respeito no *Tanakh*. Por isso, o modo mateano de citar a escritura transcreve formalmente uma passagem que parece mesmo ressoar o Antigo

---

<sup>43</sup> AMARAL, J. V. d. A paixão de Jesus no Evangelho de Marcos (14,1 – 16,8), p. 53.

<sup>44</sup> MATEOS, J. ; CAMACHO, F. O Evangelho de Mateus, p. 8.

<sup>45</sup> *Tanakh*: Bíblia hebraica, o cânon judaico, é composto por 24 livros que se agrupam em três conjuntos: Torah - Lei (cinco livros); Neviim - Profetas (oito livros); e Ketuvim Escritos (onze livros).

<sup>46</sup> LADD, G. E. Teologia do Novo Testamento, p. 131.

<sup>47</sup> MATEOS, J. ; CAMACHO, F. O Evangelho de Mateus, p. 9.

Testamento.<sup>48</sup> Assim, Mateus apresenta uma elaboração teológica da vida de Jesus, utilizando teologias de narrativas veterotestamentárias, sendo uma inserção do evangelho do reino de Deus em uma história de Deus (Pai) com Jesus (Deus Filho).<sup>49</sup>

Em Mateus, a figura dos discípulos é idealizada, visto que o autor não mostra pontos vulneráveis desses seguidores de Jesus. Às vezes, inclusive, substitui um traço desfavorável por uma descrição de elogio. A comunidade mateana acha-se em oposição à tradição judaica, com a qual nutre intensa polêmica, por isso, há a refutação à piedade farisaica, que desenvolvia uma espiritualidade por meio de uma interpretação casuística da lei, deixando de lado o verdadeiro significado da escritura, gerando a infidelidade e, conseqüentemente, a rejeição de Israel.<sup>50</sup> Diante disso, a narrativa de Mateus se conecta à fidelidade própria do reino, em contraste com a infidelidade da tradição judaica, que era convencida de sua própria superioridade e desprezava os que não compartilhavam os ideais judaicos. Esse aspecto evidencia que os membros da comunidade mateana eram tentados e perseguidos a retornarem às observâncias da lei da tradição judaica. Por isso, Mateus adverte a respeito dos perigos do retorno ao legalismo judaico.<sup>51</sup>

Cabe ressaltar que a ênfase teológica do evangelho de Mateus é a justiça, visto nenhum outro evangelho usa tantas vezes e em sentido tão amplo esta palavra justiça como Mateus faz: 3:13; 5:6,10,20; 6:33; 21:32. A justiça faz parte do seu projeto de evangelho e, conseqüentemente, de comunidade. A sua comunidade não pode existir sem justiça, que abrange todos os níveis da vida social e comunitária. Em 3:15 é o próprio Jesus que vem para cumprir a justiça, aquela da Lei de Moisés, a justiça que decorre do cumprimento absoluto e perfeito de todos os mandamentos, coisa que ninguém antes dele foi capaz de fazer. Os outros usos (exceto em 21:32) são todos no grande Sermão da Montanha, uma espécie do código de ética da comunidade de Mateus e do reino de Deus, que já começa a ser implantado no mundo através da atividade de Jesus, como ele mesmo deixou claro: “Se, porém, eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós” (Mt 12:28). Os que têm fome e sede de justiça (5:6) e os perseguidos por ela (5:10) são felizes, e a justiça da comunidade deve exceder à da sinagoga e à do templo (5:20). Quem busca a justiça (6:33) será farto de pão e tudo mais. A justiça em Mateus ocupa um lugar de

---

<sup>48</sup> BROWN, R. E. La muerte del Mesías: Desde Getsemaní hasta el sepulcro, p. 105.

<sup>49</sup> LUZ, U. El Evangelio Segun San Mateo Mt 1-7, p. 157.

<sup>50</sup> MATEOS, J. ; CAMACHO, F. O Evangelho de Mateus, p. 9.

<sup>51</sup> MATEOS, J. ; CAMACHO, F. O Evangelho de Mateus, p. 9-10.

proeminência que não se encontra nos outros evangelhos Mc não tem ocorrência; em Lc há um uso (1:75); e em Jo (16:8,10) seu uso tem um sentido muito diferente do de Mateus). A justiça em Mateus está colocada nos extremos do seu projeto redacional, nas duas vezes que Jesus sobe ao monte: no início de seu ministério, quando as luzes se acendem e ele adentra o palco para o início da apoteose, discursa em Mateus 5:6.10.20 e 6:33 e anuncia o seu programa de justiça; e em 25:31-46, quando volta a discursar, agora no epílogo do seu ministério, quando as luzes estão se apagando e ele se prepara para deixar a cena, anunciando como, na prática, aquela justiça anunciada no princípio se concretiza no final — e tudo isso já agora, diante dos pequeninos. Digno de nota também é uso do vocábulo justo, em 15 ocorrências, também com grande variedade de significados: 1:19; 5:45; 9:13; 10:41; 13:17,43,49; 20:4; 23:28,29,35; 25:37,46; 27:19,24 (em Mt há dois usos (2:17; 6:20); em Lc há 11 usos; e, em Jo, três usos). Os justos que perguntam pela justiça, em 25:37, estão em ação durante todo o evangelho, fazendo justiça. Nesse sentido, tanto os doadores quanto os acumuladores receberam suas recompensas, de acordo com a esperança que tinham em detrimento da chegada do Filho do Homem e, conseqüentemente, da justiça do Rei.

### **3.2 - Contexto, autoria, destinatários, lugar e data de composição do Evangelho de Mateus**

O contexto histórico de Mateus transcorre sob o ápice de dois grandes impérios, o grego e o romano. O período grego (de 331 a 167 a. C.) surge com Alexandre Magno, também conhecido como Alexandre, o Grande, que unificou os estados gregos, os quais se fortaleceram e, unidos, conquistaram os persas e os egípcios.<sup>52</sup> Sendo um homem culto, Alexandre Magno lançou os fundamentos do helenismo<sup>53</sup>, porém, seu reinado durou poucos anos, pois a morte sobreveio a ele quando só tinha 33 anos de idade. Com isso, o seu reino foi dividido entre quatro de seus generais, resultando, assim, em quatro reinos: Macedônia (general Cassandro), Trácia (general Lisímaco), Síria e Mesopotâmia (general Seleuco) e Egito e Síria meridional (general Ptolomeu). Um detalhe importante nesta divisão é que a Palestina ficou entre dois generais e, nos 24 anos seguintes à morte de Alexandre Magno, mudou sete vezes de

---

<sup>52</sup> BRUCE, J. El periodo intertestamentario. IN. CARRO, D. ; POE, J. T.; ZORZOLI, R. O. (ORGs). Comentario Bíblico Mundo Hispano, p. 7-8.

<sup>53</sup> Helenismo: do grego “viver como os gregos”. É um movimento de difusão da cultura grega que se iniciou com Alexandre Magno e atravessou o império romano.

comando, alternando entre Ptolomeu e Seleuco, com selêucidas obtendo, por fim, o controle definitivo sobre os judeus. Todavia, o domínio selêucida foi diminuindo de forma gradual à medida que os povos locais conquistados se libertavam, afirmavam sua independência e estabeleciam seus próprios reinos.<sup>54</sup> Dominados pelos ptolomeus, os judeus recebiam um tratamento cordial, mas, sob dominação dos selêucidas, eram tratados de forma violenta.<sup>55</sup>

Dentro do escopo do período romano (de 62 a 70 d. C.), o general Pompeu, no ano 63, conquistou o território da Síria e da Palestina, em meio a uma guerra civil judaica entre Hircano e Aristóbulo.<sup>56</sup> O general romano decidiu a favor de Hircano e venceu a guerra capturando Jerusalém, colocando seu aliado como governador e sumo sacerdote do povo de Israel e exigindo que os judeus pagassem tributos anuais a Roma.<sup>57</sup> Posteriormente, foi declarada uma guerra civil entre os generais romanos, na qual César derrotou Pompeu e nomeou Antipater como procurador da Palestina, com Hircano permanecendo apenas como sumo sacerdote.<sup>58</sup> Todavia, Antipater foi envenenado e seu filho Herodes, o Grande, assumiu a função. Foi nesse tempo que ocorreu o nascimento de Jesus.<sup>59</sup> Diante disso, então, a redação do evangelho de Mateus envolve estes contextos político, militar, social e econômico romanos e judaicos, com uma forte influência da cultura grega helenista.

O evangelho de Mateus foi redigido em um contexto greco-romano, entretanto, é anônimo. A tradição da igreja antiga testifica, nos manuscritos mais antigos, que o evangelho foi escrito por Mateus.<sup>60</sup> Porém, logo surge a pergunta: onde surgiu a vinculação deste evangelho com Mateus? Desde Papias (cerca de 140 d. C.), atribui-se o evangelho escrito em hebraico, de acordo com ele, a Mateus, o publicano, um dos 12. Mas a análise do texto transmitido demonstra que o original era grego.<sup>61</sup> Assim, o testemunho mais

---

<sup>54</sup> TENNEY, M. C. O Novo Testamento, p. 43-44.

<sup>55</sup> BRUCE, J. El periodo intertestamentario. IN. CARRO, D. ; POE, J. T.; ZORZOLI, R. O. (ORGs). Comentario Bíblico Mundo Hispano. (ORGs), 2008, p. 8.

<sup>56</sup> BRUCE, J. El periodo intertestamentario. IN. CARRO, D. ; POE, J. T.; ZORZOLI, R. O. (ORGs). Comentario Bíblico Mundo Hispano p. 9.

<sup>57</sup> BRUCE, J. El periodo intertestamentario. IN. CARRO, D. ; POE, J. T.; ZORZOLI, R. O. (ORGs). Comentario Bíblico Mundo Hispano, p.9.

<sup>58</sup> TENNEY, M. C. O Novo Testamento, p. 66.

<sup>59</sup> BRUCE, J. El periodo intertestamentario. IN. CARRO, D. ; POE, J. T.; ZORZOLI, R. O. (ORGs). Comentario Bíblico Mundo Hispano, p. 9.

<sup>60</sup> SCHMID, J. El Evangelho según San Mateo., p. 33.

<sup>61</sup> MATEOS, J. ; CAMACHO, F. O Evangelho de Mateus, p. 19.

antigo acerca da autoria de Mateus é do bispo Papias, de Hierápolis, na Frígia.<sup>62</sup> Carson questiona a famosa declaração de Papias, citada por Eusébio de Cesaréia, referente à língua com a qual foi escrita o evangelho: hebraico ou aramaico? Mateus escreveu primeiro em hebraico ou aramaico e depois traduziu para o grego? Ele compôs, compilou ou organizou o evangelho? A igreja primeira (primitiva) entendia que a declaração de Papias queria dizer que Mateus escreveu o seu evangelho em hebraico ou aramaico e, depois, fez sua tradução. Porém, hoje, poucos aceitam essa teologia. Contudo, Carson não vê que essas ambiguidades da declaração de Papias suprimem a autoria de Mateus do evangelho, antes a confirmam.<sup>63</sup> Cabe ainda destacar que, apesar do texto não revelar seu autor, a tradição da igreja e a declaração de Papias afirmam que este escrito procede de Mateus, um dos apóstolos de Jesus, também conhecido como Levi. No entanto, há poucas informações sobre ele no Novo Testamento. Além de aparecer nas listas de apóstolos, é apresentado como publicano (coletor de impostos) e também como filho de Alfeu. A análise da narrativa demonstra o autor como um judeu de língua grega, com possível formação rabínica que proclama Jesus como o Messias para todas as nações.<sup>64</sup>

Os autores Mateos e Camacho defendem que o evangelho de Mateus se dirige a um povo de língua grega e de maioria judaica, denominada comunidade mateana.<sup>65</sup> Não se sabe como surgiu essa comunidade, apenas que ela era formada em sua maioria por judeus seguidores de Jesus (judaico-prosélitos), tendo em vista a presença de prosélitos, gentios convertidos ao judaísmo, que acreditavam que Jesus era o Messias — ainda era pequena, porém, em vias de crescimento. Contudo, Luz descreve duas linhas de interpretação. A primeira defende a tese de que o evangelho de Mateus procede, em sua última redação, de uma comunidade pagã-cristã e de um autor pagão-cristão, sendo que os elementos judaico-cristãos pertenciam a uma tradição. A razão para esta hipótese é que Mateus afirma a missão pagã, condena duramente Israel e evita palavras em aramaico. Já a segunda linha defendida pelo referido autor concorda com a interpretação de Mateos e Camacho de que o evangelho procede de uma comunidade judaico-cristã e de um autor judeu-cristão, haja vista que a linguagem e a teologia de Mateus sofreram influência de sua comunidade. Luz descreve ainda algumas razões para acreditar nesta teoria, como a estrutura e a composição do

---

<sup>62</sup> SCHMID, J. *El Evangelio según San Mateo.*, p. 33.

<sup>63</sup> CARSON, D. A. *O comentário de Mateus*, p. 34.

<sup>64</sup> MATEOS, J. ; CAMACHO, F. *O Evangelho de Mateus*, p. 17.

<sup>65</sup> MATEOS, J. ; CAMACHO, F. *O Evangelho de Mateus*, p. 18.



evangelho, que mostram que o evangelista estava familiarizado com a literatura judaica, as fontes utilizadas, as peculiaridades linguísticas judaicas do texto, sua teologia, especialmente a ideia da lei e seu apelo ao Antigo Testamento, e, ainda, que Mateus se tornou o evangelho mais importante para a igreja primitiva e teve uma história especial entre os judeus-cristãos.<sup>66</sup> Cabe destacar também que a comunidade mateana teve seu início dentro da tradição judaica, mas rompeu posteriormente com essa tradição buscando uma identidade capaz de manter o legado judaico por um lado e, por outro, acolher a fé em Jesus, entendido como o Messias prometido. Esse aspecto evidencia a crise que vivia a comunidade mateana, que tinha que evidenciar entre a tradição judaica e Jesus de Nazaré as continuidades e rupturas. Diante disso, a comunidade mateana deveria compreender os aspectos da tradição judaica que seriam permanentes e os aspectos que precisariam ser superados.

Pelo exposto até aqui, o lugar e a data de composição de Mateus estão diretamente ligados à autoria e aos destinatários do evangelho. No caso da hipótese de que o evangelho procede de uma comunidade judaico-cristã e de um autor judeu-cristão, os locais mais prováveis da redação de Mateus seriam Antioquia, a parte da Síria limítrofe com a Palestina, ou antes, a Fenícia (atual Líbano). Mateus ainda supõe a destruição de Jerusalém e, nesse sentido, a data de composição se estabelece em torno do ano 80 d. C.<sup>67</sup> Este fato reforça a hipótese da redação de Mateus em Antioquia, onde muitos judeus, inclusive os que seguiam Jesus, migraram para o Norte por conta da destruição de Jerusalém, estabelecendo-se na região da Síria. Daí a hipótese de que a comunidade mateana seria formada, em sua maioria, por judaico-proselitos estabelecidos em Antioquia, capital da província da Síria. Brown destaca o pensamento dominante acerca da data da redação do evangelho de Mateus entre 70 e 100 d. C. O autor enfatiza alguns fatos importantes, com o objetivo de fundamentar este período como sendo a datação do evangelho de Mateus. Ele cita o tempo áureo de Papias no início de 115 d. C., observando se ele tinha conhecimento de Mateus. Diante deste fato, a datação deve ser de antes do século II. Mateus não tinha conhecimento do problema do gnosticismo, então, se a hipótese deste livro é a de ter sido escrito na região de Antioquia, foi antes do tempo de Inácio (por volta de 110 d. C.), para quem este movimento era uma advertência.<sup>68</sup> Outro limite quanto à datação é a expulsão da sinagoga, um acontecimento importante que

---

<sup>66</sup> LUZ, U. *El Evangelio Segun San Mateo Mt 1-7*, p. 81.

<sup>67</sup> BROWN, R. E. *Introdução ao Novo Testamento*, p. 316.

<sup>68</sup> BROWN, R. E. *Introdução ao Novo Testamento*, p.316.

não é mencionado em Mateus. A comunidade mateana estava em conflito, mas podia fugir da sinagoga de um lugar para a sinagoga de outra cidade (Mt 10:17), pois ainda não havia decreto de expulsão. Portanto, no evangelho de Mateus, ela aparece em forte conflito com escribas, fariseus e sacerdotes, perto da data da expulsão.

### **Considerações Finais**

O artigo estabeleceu algumas questões às quais se procurou responder no percurso metodológico e teológico da pesquisa. A primeira parte abordou questões relevantes acerca da do evangelho de Mateus, com sua exposição, com aproximação ao Novo Testamento. O itinerário histórico e teológico desta exposição panorâmica das escrituras neotestamentárias apresentou uma síntese do cânon do Novo Testamento, destacando o critério canônico da igreja e pontuando a autenticidade e a legitimidade dos textos com alguns critérios: a apostolicidade, a circulação e o uso do livro, o caráter concreto do livro, a ortodoxia, a autoridade diferenciadora e a leitura em público dos textos autorizados. Também analisou a formação do cânon neotestamentário, desde seu início até sua conclusão, ressaltando alguns aspectos importantes, como: o evangelho do Cristo crucificado e ressurreto como a chave hermenêutica das escrituras, a tradição oral, as tradições textuais, as formas literárias e os métodos de interpretação do Novo Testamento. Toda essa pesquisa panorâmica do Novo Testamento serviu como aporte teórico para o comentário do livro de Mateus.

A partir a visão panorâmica do Novo Testamento, passou-se ao comentário ao evangelho mateano abordando, inicialmente, o problema sinótico em torno da redação e do estilo deste documento em detrimento de suas semelhanças e diferenças em relação aos evangelhos de Marcos e Lucas. Dando continuidade à análise introdutória do livro de Mateus, analisou-se o aspecto teológico principal do evangelho mateano, a sua cristologia, demonstrada pela comunidade mateana que via em Jesus de Nazaré todos os requisitos do Messias esperado pelo povo judeu. Também foi visto que a ênfase teológica do livro de Mateus se concentra na justiça de Deus. Por isso, o evangelho mateano é o evangelho da justiça. Logo depois, destacou-se o contexto histórico do livro de Mateus, apresentando os ambientes culturais, político, econômico, social, religioso e teológico da composição do evangelho. Em seguida, a discussão girou em torno do problema da autoria/destinatário — apesar do texto não revelar seu autor, a tradição da igreja e a declaração de Papias afirmam que este escrito procede de Mateus.

Finalmente, a última parte do artigo, apresentou ao problema do destinatário, o qual foi apresentado duas interpretações. A primeira defende a tese de que o evangelho de Mateus procede, em sua última redação, de uma comunidade pagã-cristã e de um autor pagão-cristão, enquanto a segunda teoria defende que resulta de uma comunidade judaico-cristã e de um autor judeu-cristão — que é a tese defendida pela pesquisa —, que se dirigem a um povo de língua grega e de maioria judaica, denominada comunidade mateana. Assim, o lugar e a data de composição estão diretamente ligados ao destinatário do evangelho. De acordo com a hipótese, ela se dirige para a comunidade mateana de Antioquia, capital da província da Síria, com a data aproximada entre 70 e 100 d. C.

### Referências

- AMARAL, J. V. d. A paixão de Jesus no Evangelho de Marcos (14,1 – 16,8): uma leitura narratológica. Belo Horizonte, 2016, 278 p. Tese. FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - Belo Horizonte.
- BITTENCOURT, B. P. O Novo Testamento: metodologia da pesquisa textual. 3ª Ed. Rio de Janeiro, JUERP, 1993.
- BORNKAMM, G. Bíblia do Novo Testamento: introdução aos seus escritos no quadro da história do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulus, 2003.
- BROWN, R. E. Introdução ao Novo Testamento. São Paulo: Paulinas, 2012.
- BROWN, R. E. La muerte del Mesías: Desde Getsemaní hasta el sepulcro. Tomo I. ESTELLA (Navarra): Editorial Verbo Divino, 2005.
- BRUCE, J. El periodo intertestamentario. IN. CARRO, D. ; POE, J. T.; ZORZOLI, R. O. (ORGs). Comentario Bíblico Mundo Hispano-Tomo 14- Mateo. El Paso: Texas Editorial Mundo Hispano, 2008.
- CARSON, D. A. O comentário de Mateus. São Paulo: Shedd Publicações, 2010.
- CARRO, D. ; POE, J. ; ZORZOLI, R. O. (ORGs). Comentario Bíblico Mundo Hispano-Tomo 14- Mateo. El Paso: Texas Editorial Mundo Hispano, 2008.
- CESARÉIA, E. História Eclesiástica. V. 15. São Paulo: Paulus, 2019.
- DANIELI, G. Mateus. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.
- MATEOS, J. ; CAMACHO, F. O Evangelho de Mateus: leitura comentada. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.
- KÜMMEL, W. G. Introdução ao Novo Testamento. São Paulo, Paulinas, 1982.
- KÜMMEL, W. G. Síntese Teológica do Novo Testamento. São Leopoldo- RS: Sinodal, 1979.

- LADD, G. E. Teologia do Novo Testamento. São Paulo: Exodus, 1997.
- LEONEL, J. Mateus, o Evangelho. São Paulo: Paulus, 2013.
- LOHSE, E. Introdução ao Novo Testamento. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 1985.
- LUZ, U. El Evangelio Segun San Mateo Mt 1-7 *Vol I*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1993.
- SCHMID, J. El Evangelio según San Mateo. Barcelona: Editorial Herder, 1973.
- TENNEY, M. C. O Novo Testamento: sua origem e análise. São Paulo: Shedd Publicações, 2011.
- WITHERINGTON III, B. Por trás da Palavra: o caráter socioorretórico do Novo Testamento em nova perspectiva. Aparecida - São Paulo: Editora Santuário, 2015.
- WITHERINGTON III, Ben. História e histórias do Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2005.